

SEPAKTAKRAW: POSSÍVEIS TRILHAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Sepaktakraw: possible methodological learning trails for teaching / learning in basic education

Fábio Souza de Oliveira

Secretaria de Educação do Estado da Bahia¹

Rogério Alves Antunes Junior

Secretaria de Educação do Estado de Minas Gerais²

Felipe dos Santos Senra

Secretaria de Educação do Estado De Minas Gerais³

Ernesto José Dutra

Secretaria de Educação do Estado De Minas Gerais⁴

Resumo: As modalidades esportivas de quadra: voleibol, handebol, basquetebol e futsal são hegemônicas nas aulas de Educação Física (EF) e limitam o acesso a outras práticas corporais, configurando um dos motivos para o afastamento de estudantes das aulas de EF. Nesse sentido, este estudo teve por objetivo apresentar e discutir possibilidades didático-metodológicas para o ensino do *Sepaktakraw* nas aulas de Educação Física escolar. Como metodologia utilizamos a exploração não sistemática de periódicos sob a temática investigada através da plataforma Google Acadêmico, dada a escassez de produções sobre o tema. Encerramos afirmando a viabilidade da utilização de esportes não tradicionais nas aulas de EF.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Esportes não tradicionais; *Sepaktakraw*; Metodologia.

Abstract: The sports modalities on the court: volleyball, handball, basketball and futsal are hegemonic in Physical Education classes and limit access to other body practices, configuring one of the reasons for the removal of students from Physical Education classes. In this sense, this study aimed to present and discuss didactic-methodological possibilities for teaching *Sepaktakraw* in school Physical Education classes. As a methodology we use the non-systematic exploration of journals under the theme investigated through the Google Scholar platform, given the scarcity of productions on the subject. We ended by stating the feasibility of using nontraditional sports in Physical Education classes.

Key words: School Physical Education; Nontraditional sports; *Sepaktakraw*; Methodology.

¹ Mestre em Educação Física Escolar; fabiopatchanka@hotmail.com; professor.

² Mestre em Educação Física Escolar; rogeriojr5@hotmail.com; professor.

³ Mestre em Educação Física Escolar; felipesenra@gmail.com; professor.

⁴ Mestre em Educação Física Escolar; ernestocarangola@gmail.com; professor.



INTRODUÇÃO

É consenso na Educação Física Escolar (EFE) que as modalidades esportivas de quadra, particularmente o futsal, o handebol, o basquetebol e o voleibol ainda assumem papel de destaque nas propostas formativas da Educação Básica brasileira (ARAUJO; ROCHA; BOSSLE, 2018), limitando o acesso de estudantes aos demais elementos da cultura corporal. A centralidade e quase exclusividade dessas modalidades nos currículos escolares, compreendidos como “esportes tradicionais” e, adicionalmente, o tratamento didático-pedagógicos pautado na perspectiva do esporte competitivo, configuram atuações docentes excludentes, castradoras e conduzem ao afastamento de parte significativa dos alunos, por não se adaptarem a esse modelo. Darido, González e Ginciene (2018), mencionam a falta de diversificação dos conteúdos como um dos motivos para o afastamento de estudantes das aulas de EFE, uma vez que os mesmos conteúdos são repetidos ao longo da vida escolar dos estudantes, resultando em desmotivação e o conseqüente abandono das práticas.

No Brasil, a EFE tem caminhado no sentido da diversificação dos seus elementos e da profunda reconfiguração em suas bases teórico-metodológico-epistemológicas, reconfigurando paulatinamente a prática hegemônica de cunho quase exclusivamente esportivo/federativo para outros elementos da cultura corporal: os jogos, as danças, as lutas, as ginásticas, bem como tratativas com o esporte que são mais peculiares aos códigos da instituição escolar. Esses avanços estão presentes nos diversos documentos curriculares que balizam a EF no Brasil nos mais diversos âmbitos, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), além daquele nas esferas estaduais e municipais, que alicerçam suas proposições na própria Base.

No entanto, o avanço nas concepções sobre a EFE no país parece não ser acompanhado das necessárias modificações nas práticas docentes, imperando o antigo modelo, baseado em modalidades esportivas tradicionais e a partir da concepção do esporte federativo (BARROSO; DARIDO, 2019), fenômeno também verificado por Barroso (2008) e Rodrigues (2009). No Brasil, dada a grande adesão a esse modelo formativo em EFE é comum a denominação adotada por alguns autores como o “quarteto fantástico” (BRANDT; NEU; GAMA, 2015; BOHRER; ANTUNES; CASAROTTO, 2015).

Considerando-se a diversidade do que hoje conhecemos como cultura corporal⁵, torna-se indispensável a diversificação das aulas abordando outros elementos como os jogos, as danças, as lutas, além de outros esportes, para além daqueles tradicionalmente presentes na EFE brasileira. Desse modo, este ensaio tem por objetivo apresentar e discutir possibilidades didático-metodológicas para o ensino do *Sepaktakraw* nas aulas de EFE.

Esportes não tradicionais

Na busca de uma denominação mais adequada para modalidades esportivas tradicionalmente ausentes nas aulas de EF, encontramos em Tomita e Canan (2015) os seguintes termos ou expressões: complementares, alternativas, novas, não convencionais, pouco conhecidas, diferentes e não tradicionais. Buscando chegar a um denominador comum, os autores verificaram que a expressão “não tradicionais” é utilizada tanto como uma denominação em si própria quanto como uma forma de explicação do que seria o conjunto de modalidades esportivas que não as tradicionais. Para Ferreira (2008), tradição é o ato de transferir mitos, fatos, hábitos, lendas etc., de geração em geração. Outra compreensão a respeito do que é tradição é apontada por Brusadin (2014) como sendo conhecimentos e habilidades legados por uma geração para a seguinte em diversas localidades. Nesse sentido, adotaremos nesse estudo o termo “não tradicionais” para nos referirmos às modalidades que não pertencem ao conjunto de hábitos esportivos transferidos de geração em geração na cultura brasileira.

Em uma reportagem sobre o *Sepaktakraw*, exibida pelo programa Esporte Espetacular, da rede Globo de televisão⁶ em janeiro de 2020, esta modalidade que não pertence à tradição nacional e está em regra ausente dos currículos escolares, foi adjetivada como bizarra, termo que a apresenta ao público brasileiro, incluindo os

⁵ Cabe mencionar que o termo Cultura Corporal cunhada pelo Coletivo de Autores (1992) tem suas bases teórico-epistemológicas alicerçadas pelo materialismo histórico-dialético, enquanto o termo Cultura de Movimento, cunhado por Elenor Kunz (1991, 1994) guarda relações, segundo Bracht (1999) com a obra de Paulo Freire, a fenomenologia de Merleau-Ponty e os autores da Escola de Frankfurt. No entanto, tais perspectivas e termos se alinham na crítica ao reducionismo do corpo humano a mero organismo sem sujeito, assim como na crítica às perspectivas da aptidão física e esportiva como orientadoras do currículo e do fazer pedagógico na EFE.

⁶ Vídeo exibido no link <https://youtu.be/ow6CuqEt7r4>



jovens em idade escolar, de forma pejorativa. No Dicio⁷, dicionário de Português online, uma das definições para o adjetivo bizarro é: “característica do que é estranho, grotesco ou incomum”. O uso de tal termo pode afastar novos praticantes e contribuir para a vivência exclusiva das modalidades esportivas tradicionais, principalmente nas aulas de EF.

A adoção exclusiva ou predominante das modalidades esportivas tradicionais tem se mostrado como algo normal, natural para os professores (TOMITA; CANAN, 2019). Os autores, ao realizarem uma pesquisa com seis docentes da rede estadual do Paraná, concluem que as condições materiais e físicas são os principais fatores para que modalidades esportivas não tradicionais não sejam ministradas, problemática similar àquela apontada na Ásia.

A este respeito, os autores afirmam que

A ausência de uma definição e organização obrigatória de conteúdos permite aos professores uma grande discricionariedade na condução de suas aulas. Por vezes, os conteúdos limitam-se a manifestações mais tradicionais da cultura corporal dentro da educação física escolar brasileira ou da região de atuação do professor e/ou àquelas preferidas por ele ou pelos alunos. Isso não significa que na atuação profissional não possa ou deva ser possibilitada uma margem de discricionariedade, mas sim que seu excesso e a possível restrição de conteúdos pode gerar alguns problemas (TOMITA e CANAN, 2019, p.15).

Para Siqueira, Nogueira e Maldonado (2019), as aulas de EF devem propiciar aos estudantes reflexões sobre os esportes tradicionais e não tradicionais, de modo que eles possam compreender os diferentes contextos socioculturais e econômicos envolvidos em tais práticas. Estes autores mencionam que um conteúdo passa a ser valioso quando possui representação social, política e econômica. Dessa forma, os conhecimentos selecionados para fazer parte de um currículo escolar precisam ter relevância para o desenvolvimento individual e coletivo.

Para Sá e Myskiw (2009) o esporte é um conteúdo relevante nas aulas de EF, que pode ser ensinado de maneira que amplie o saber-fazer (habilidades técnico-táticas) e ao mesmo tempo contemple reflexões sobre os significados sociais da prática esportiva. Dessa maneira, podemos perceber que os esportes não tradicionais

⁷ O Dicio é um dicionário de português contemporâneo para uso e estudo da língua portuguesa, disponível no endereço www.dicio.com.br

podem propiciar grandes oportunidades pedagógicas envolvendo aspectos socioculturais diferentes, inclusive em projetos interdisciplinares. A experiência escolar dos esportes não tradicionais podem proporcionar aos estudantes a aprendizagem das características técnicas e das regras dos esportes, mas também o desenvolvimento de relações com aspectos socioculturais de outros países, possibilitando, ainda que de maneira limitada, uma visão mais compreensiva das atitudes das pessoas/povos ao praticarem as modalidades (SÁ; MYSKIW, 2009), visão didática que deve permear estratégias de ensino relacionadas a outros elementos da cultura corporal.

Adicionalmente, os jovens em idade escolar, de modo particular recebem influências diversas dos meios de comunicação, fazendo acesso aos diversos elementos da cultura corporal, incluindo os esportes não tradicionais em sua cultura, a exemplo do *Sepaktakraw*, conhecendo-o de forma fragmentada, distorcida e muitas vezes permeada de valores e ideologias. Assim, é tarefa do professor de EF na escola, rerepresentar estes conteúdos e promover a discussão de seus pressupostos e possibilidades, desvinculando-o de possíveis interesses que possam (des) configurá-los. Esse olhar crítico-reflexivo, pode encaminhar o acesso a visões mais esclarecidas sobre os diversos conteúdos veiculados pelas mídias, sobretudo o esporte, um dos elementos da cultura corporal mais assediados pelas mídias e que comumente são apresentados em seu formato de esporte de alto rendimento como única possibilidade de compreensão e apropriação de cada modalidade (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2020), deixando de lado oportunidades mais acessíveis como o esporte educacional e o esporte de tempo livre (PIRES, 2002).



Sobre o *Sepaktakraw*

Imagem 1: O *Sepaktakraw*



Fonte: <https://www.dailynews.lk/2021/04/01/sports/245549/sepak-takraw-national-championship-april-3>

Segundo Viana Neto, Alves e Godoi (2011), estima-se que o *Sepaktakraw* tenha sido criado há mais de 500 anos na Malásia. Também conhecido como “Takraw”, o jogo mistura fundamentos do voleibol, habilidades do futebol e a agilidade e os alongamentos de algumas artes marciais, como o *Mawashi-geri* do Karatê, o chute circular alto do *Muay Thai* ou o *Bandal Tchagui*, do *Taekwondo*. Em malaio, *Sepak* = chute e *Takraw* = bambu, cuja tradução seria “chute no bambu” (SEMARAYASA; SUDARMADA, 2019), isso porque seus movimentos são constituídos essencialmente por chutes e sua bola original era feita por uma espécie de bambu.

Tradicionalmente, o *Sepaktakraw* era jogado em um círculo (WAN MANSOR, 2011), do qual, um jogador passava a bola para o outro sem deixá-la cair. Durante o século XX, um grupo de simpatizantes do esporte introduziu a rede e estabeleceram regras para tornar o jogo mais atrativo.

De acordo com Neraphong, Jalayondeja e Vatchalathiti (2000), o *Sepaktakraw* é atualmente um dos esportes mais populares no sudeste da Ásia e outros países do mundo. Em 1990, foi incluído na décima edição dos Jogos Asiáticos, realizado na cidade de Pequim (ZULKIFLI *et. al.*, 2019) e em 1997 foi realizada a primeira Copa do

Mundo feminina da modalidade, eventos que aumentaram a visibilidade desse esporte.

De acordo com a regra atual, a quadra de jogo do *Sepaktakraw* é de 13,40 metros de comprimento por 6,10 metros de largura (SEMARAYASA; SUDARMADA, 2019), dividida ao meio por uma rede que possui 1,55 metros de altura para homens e 1,45 metros para mulheres (VIANA NETO; ALVES; GODOI, 2011; LAW OF THE GAME, 2016).

Em 1982, a bola que originalmente era feita de Rattan (WAN MANSOR, 2011), uma espécie de bambu, deu lugar a uma bola de tecido sintético (plástico) que tenta imitar esse mesmo material. A circunferência da bola oficial de *Sepaktakraw* é de 0,41m a 0,43m para homens e de 0,42m a 0,44m para mulheres, aproximadamente a mesma de uma bola de handebol da categoria mirim (H1) e não possui câmara de ar (LAW OF THE GAME, 2016).

O principal objetivo é passar a bola sobre a rede utilizando qualquer parte do corpo, exceto mãos e braços (SEMARAYASA; SUDARMADA, 2019). Como no vôlei ou no futevôlei, se a bola tocar no chão da quadra adversária é marcado um ponto.

Em competições oficiais, cada equipe é composta por três jogadores e são permitidos no máximo três toques antes de passar a bola para o lado adversário da quadra. Uma coisa interessante é que um mesmo jogador pode executar estes três toques não sendo necessário passar a bola para um dos seus companheiros. É permitido bloquear na rede o ataque da equipe adversária, desde que não use as mãos e os braços e não toque a rede. Uma característica marcante do esporte é que a cortada no *Sepaktakraw*, constantemente utilizada no jogo, é um movimento semelhante ao voleio do futebol. O jogador atinge a bola no ar, com um golpe circular realizado com um dos pés, direcionando a bola verticalmente para baixo, como o intuito de dificultar a recuperação da equipe adversária e marcar o ponto.

Uma partida de *Sepaktakraw* consiste em três sets de 21 pontos. Caso haja empate em 20-20 vence a equipe que conseguir dois pontos de vantagem ou alcançar 25 pontos. A equipe que vencer os dois primeiros sets é considerada vencedora da partida (LAW OF THE GAME, 2016).

Apesar de ser considerado um esporte tradicional na Indonésia, categorizado como esporte de rede também naquele país, o *Sepaktakraw* raramente é inserido nas



propostas curriculares da educação básica, que possui estrutura de ensino similar à do Brasil. Vários são os motivos para a ausência desta modalidade nas propostas de ensino, como dificuldade de execução dos movimentos, falta de estrutura física mínima necessária, preferências dos professores por outras modalidades, além da ausência de manuais que auxiliem os professores no desenvolvimento didático da modalidade (KURNIAWAN; FIRDAUS, 2019). Para estes autores, é necessário promover modificações na estrutura do jogo de modo a proporcionar chances de aprendizagem a todos os alunos e não somente aos mais habilidosos do ponto de vista motor. Nesse sentido, acredita-se que será necessário desenvolver um modelo didático que permita introduzir técnicas básicas para a aprendizagem dessa modalidade esportiva, denotando a importância e a validade de propostas didático-metodológicas que viabilizem o ensino/aprendizagem desta modalidade.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC)

A Base Nacional Comum Curricular, BNCC ou, simplesmente a Base, é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica (BRASIL, 2017).

Tendo sua primeira versão sido iniciada em 2015, diversos professores da Educação Básica e de várias universidades foram indicados pelo Conselho Nacional de Secretários de Educação (CONSED) na busca por manter representatividade dos diversos estados e das Instituições de Ensino Superior (IES) (NEIRA; SOUZA JUNIOR, 2016).

A equipe de EF foi composta por seis professores da Educação Básica e seis professores universitários, coordenados por um assessor. Das reuniões e dos debates entre estes professores, emanou a redação final do componente EF para a BNCC.

A Base está organizada em etapas, a saber: educação infantil, ensino fundamental e ensino médio. O ensino fundamental, etapa que vai do primeiro ao nono ano, por sua vez, propõe cinco áreas de conhecimento: as linguagens (Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e Língua Inglesa), Matemática, ciências da natureza (Ciências), ciências humanas (História e Geografia) e o Ensino Religioso (BRASIL, 2017).

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, jul./dez. 2021, p. 55-75.

Recebido em: 28/12/2020

Publicado em: 01/10/2021

O texto final da Base foi homologado em dezembro de 2017. Ainda que objeto de várias críticas, como não poderia ser diferente para um documento de abrangência nacional e que propõe um percurso curricular para a Educação Básica de todo o país, a BNCC traz relevantes direcionamentos para as práticas educativas de estados e municípios.

De acordo com a BNCC (2017), a EF é o componente curricular que tematiza as práticas corporais realizadas fora das obrigações laborais, domésticas, higiênicas e religiosas, nas quais os sujeitos se envolvem em função de propósitos específicos, sem caráter instrumental. Segundo este documento, cada prática corporal propicia ao sujeito o acesso a uma dimensão de conhecimentos e de experiências aos quais ele não teria de outro modo. Cabe então à EFE, problematizar, desnaturalizar e evidenciar sentidos e significados atribuídos às diferentes manifestações da cultura corporal de movimento.

Por compreender as práticas corporais como textos passíveis de leitura e produção, a EF pertence à área de linguagens e tematiza as práticas corporais em seis unidades temáticas: Brincadeiras e jogos, Esportes, Ginásticas, Danças, Lutas e Práticas corporais de aventura (BRASIL, 2017).

O *Sepaktakraw* é, de acordo com a Base e dada a sua lógica interna, um esporte que se inscreve na categoria Rede/quadra dividida ou parede de rebote que tem como características o ato de arremessar, lançar ou rebater a bola em direção a setores da quadra adversária nos quais o rival seja incapaz de devolvê-la da mesma forma ou que leve o adversário a cometer um erro dentro do período de tempo em que o objeto do jogo está em movimento (BRASIL, 2017).

Considerando a unidade temática “Esportes”, e o objeto de conhecimento “esportes de rede/parede”, a Base Nacional apresenta as seguintes habilidades:



Quadro 1: Esportes de rede/parede na BNCC

UNIDADE TEMÁTICA	OBJETO DE CONHECIMENTO	HABILIDADES
Esportes	Esportes de rede/parede	(EF89EF01 ⁸) Experimentar diferentes papéis (jogador, árbitro e técnico) e fruir os esportes de rede/parede, campo e taco, invasão e combate, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.
		(EF89EF03) Formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos esportes de campo e taco, rede/parede, invasão e combate como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar de forma específica.
		(EF89EF04) Identificar os elementos técnicos ou técnico-táticos individuais, combinações táticas, sistemas de jogo e regras das modalidades esportivas praticadas, bem como diferenciar as modalidades esportivas com base nos critérios da lógica interna das categorias de esporte: rede/parede, campo e taco, invasão e combate.
		(EF89EF05) Identificar as transformações históricas do fenômeno esportivo e discutir alguns de seus problemas (doping, corrupção, violência etc.) e a forma como as mídias os apresentam.
		(EF89EF06) Verificar locais disponíveis na comunidade para a prática de esportes e das demais práticas corporais tematizadas na escola, propondo e produzindo alternativas para utilizá-los no tempo livre.

Fonte: autoria própria com base nos dados da BNCC (2020)

Deste modo, a BNCC serviu como documento orientador para o desenvolvimento desta proposta, utilizando como referência as oito dimensões do conhecimento contidas nesse mesmo documento, que são: experimentação; uso e apropriação; fruição; reflexão sobre a ação; construção de valores; análise; compreensão e protagonismo comunitário.

⁸ Cada objetivo de aprendizagem e desenvolvimento é identificado por um código alfanumérico cuja composição indica a etapa da Educação Básica, o grupo por faixa etária, o campo de experiências etc. Para maiores detalhes consultar a Base Nacional Comum Curricular, p. 26. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

METODOLOGIA

Este ensaio tem como principal fundamento a exploração não sistemática de periódicos sob a temática investigada, o *Sepaktakraw*. Para Adorno (1994), o ensaio continua hoje sendo uma forma aberta de expor o pensamento. Tem como característica basilar sua natureza reflexiva e interpretativa, sem a pretensão de oferecer conteúdos acabados, buscando coordenar ideias e pontos de vista. De acordo com Paviani (2009), o ensaio é um estudo formalmente desenvolvido, respeitando a liberdade de escrita, sem renunciar à lógica e à coesão.

Dada a escassez de produções científicas sobre a temática no Brasil, utilizou-se nesse ensaio a busca bibliográfica não padronizada, através da plataforma Google Acadêmico. Para Silva *et al.* (2019), neste tipo de revisão não se recorre necessariamente a procedimentos padronizados de busca bibliográfica, mas não se renuncia à necessidade de resumir, analisar e sintetizar informações relativas ao objeto investigado. As buscas foram realizadas em língua portuguesa, língua inglesa e malaio utilizando operadores booleanos como “*sepaktakraw*”, “didática”, “metodologia”, “ensino e aprendizagem” nesses idiomas.

Finalmente, o caminho estabelecido foi criar diálogos entre os achados na literatura sobre o *Sepaktakraw* e a BNCC. A Base Nacional é o documento que orienta quais são as aprendizagens essenciais na Educação Básica nacional e que norteia a elaboração das propostas curriculares nas variadas redes e segmentos escolares. O diálogo proposto busca conversar com a Base enquanto proposição formatada de percurso de aprendizagem no país, não tendo sido objeto deste estudo as discussões sobre a pertinência político-ideológica deste documento, ou mesmo a ecologia da qual ele resulta, não denotando, entretanto, desatenção a estas questões. Antes, elas são excluídas por limitações do formato deste mesmo documento. Assim a discussão e apresentação de possíveis trilhas didático-metodológicas para o ensino/aprendizagem dessa modalidade não tradicional nas aulas de EF no Brasil é o que está no horizonte deste trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como é possível pensar o ensino do *Sepaktakraw* nas aulas de EFE? Com o objetivo de responder a essa questão apresentaremos e discutiremos algumas



propostas didático-metodológicas para o trato com essa modalidade mantendo no horizonte as dimensões propostas pela Base Nacional Comum curricular, com ênfase na experimentação e fruição dessa modalidade, classificada naquele documento como esporte de rede. As proposições deste ensaio são endereçadas às turmas de 8º e 9º anos, uma vez que os esportes de rede e parede, segundo a BNCC, aparecem a partir destas séries.

Para a (EF89EF01⁹) em que os alunos deverão experimentar diversos papéis como jogador, árbitro ou técnico e fruir o esporte com rede, propõe-se atividades com quadra dividida pela rede ou com os alunos dispostos em círculo onde o objetivo principal seria golpear a bola com os pés, joelhos e cabeça mantendo-a “viva” no jogo, ou seja, não deixando a bola parar de se movimentar pelo alto. Diferentemente do que ocorre no esporte propriamente dito, mesmo que caia no chão os alunos poderão golpeá-la novamente. De acordo com Semarayasa e Sudarmada (2019), no *Sepaktakraw* a bola não poderá tocar o chão, o que configuraria ponto para o adversário. Extrapolando as possibilidades do modelo competitivo e de alto rendimento, propõe-se a manutenção do jogo mesmo após a bola tocar o solo, acrescentando dinamicidade e possibilitando maiores experimentações dos toques com os pés que permitam desenvolver a técnica que no futuro dará condição aos participantes de manterem a bola “viva”, sem cair no chão, sempre na perspectiva de manutenção da jogabilidade mínima como ponto de partida.

No *Sepaktakraw* escolar, a quadra de jogo poderá extrapolar os limites impostos pela regra, que atualmente é de 13,40 metros por 6,10 metros, conforme mencionam Semarayasa e Sudarmada (2019). O jogo pode ser realizado em um pátio livre ou quadra poliesportiva, em área maior do que a oficial, permitindo maior número de jogadores, ou, considerando-se a possível ausência de área livre, poderá ser menor, desde que o jogo seja experimentado em suas configurações mínimas e permita as aprendizagens.

Outra alteração que pode promover o aumento da experimentação motora do jogo é aumentar o número possível de toques na bola. Segundo a *LAW OF THE GAME* (2016), antes de passar a bola para a quadra adversária é permitido realizar

⁹ Primeira habilidade proposta em EF no bloco do oitavo e nono anos do Ensino Fundamental

três toques, que podem ser realizados pelo mesmo jogador. Uma alternativa didática seria ampliar o número possível de toques para que a equipe pudesse “resgatar” a bola e conduzi-la habilmente por cima da rede à quadra adversária. Esta mudança aumentaria as chances de os estudantes experimentarem um toque na bola. Além disso, durante a aprendizagem na escola, um mesmo aluno não deveria tocar na bola consecutivamente durante parte significativa das experimentações, evitando a sua posse pelos mais habilidosos.

Partindo deste princípio, em seguida propõe-se aumentar, gradativamente o nível de dificuldade do jogo, limitando paulatinamente os toques por equipe e/ou limitando a quantidade de vezes que a bola pode cair no chão. Assim, aos poucos, os alunos vão se familiarizando com a dinâmica do jogo em suas configurações técnicas e estéticas. Ainda considerando a primeira habilidade proposta pela BNCC (2017), os próprios alunos podem organizar seus minitorneios dentro das aulas, exercendo os papéis de jogadores, treinadores e árbitros, sendo incentivados a realizarem adaptações nas regras oficiais que atendam às suas próprias necessidades. A quadra ou áreas disponíveis podem ser subdivididas, possibilitando o maior número de participantes ao mesmo tempo, explorando melhor o tempo das aulas.

A continuação deste processo começa a contemplar a habilidade (EF89EF03), onde objetivamos formular e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, quando começamos a dificultar as atividades nos aproximando cada vez mais do esporte “oficial”. Um bom exemplo de problema técnico no *Sepaktakraw* seria manter a bola no ar, deixando-a cair um menor número de vezes. Uma das soluções encontradas pode ser a substituição da bola por uma que alcance menor velocidade, que permaneça maior tempo no ar. Didaticamente, essa ou outras soluções devem partir de desafios propostos aos próprios estudantes, que buscarão encontrar soluções para as questões que possam tornar o jogo mais atraente, melhorar sua “jogabilidade” ou por outro motivo que busque a consonância maior do bem coletivo.

Assim como no trato pedagógico com qualquer esporte dentro das aulas de EF, é importante e necessário compreender as transformações históricas do *Sepaktakraw*, além de compreender sua função social, política e econômica, como é explicitado na habilidade (EF89EF05). Para isso o professor pode lançar mão das tecnologias e das mídias sociais como instrumento pedagógico e também propor leituras de livros e



artigos voltados para o tema. Uma das grandes problemáticas da EFE da atualidade reside no fato de como as mídias, sobretudo as digitais, expõem os elementos da cultura corporal de forma distorcida, permeada por valores e ideologias que via de regra atendem aos interesses dominantes (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2020). Uma estratégia possível seria confrontar o modelo de esporte midiático, nesse caso, o *Sepaktakraw*, com o modelo proposto na escola. Propor questionamentos a respeito dos propósitos de cada um, qual deles é mais divertido ou está mais preocupado com o bem coletivo etc. A mídia-educação, um relativamente recente campo de estudo, tem se debruçado não somente ao saber que se relaciona ao uso das tecnologias, como também propõe olhar atento à produção de conhecimento com os dispositivos digitais. Uma das grandes contribuições deste campo é o investimento em questionar, criticar o conteúdo midiático no sentido de desvelar seus interesses e ideologias, avançando em direção à uma formação esclarecedora, emancipatória (OLIVEIRA, 2020).

Mesmo sendo um esporte que requer habilidades complexas, é possível proporcioná-lo aos estudantes da Educação Básica, pois, a técnica mesmo que inicialmente pareça muito difícil de ser executada é fundamental para o entendimento geral do esporte. Dutra (2020) realizou pesquisa apresentando o *Sepaktakraw* para alunos do ensino médio, com a proposta de vivenciar o esporte dentro das possibilidades dos alunos e da escola. Após a prática, os alunos narraram a dificuldade em executar os movimentos, mas exaltaram a importância de se conhecer esse novo esporte e posteriormente poder aprimorar seus fundamentos.

Além disso, suas semelhanças com outras modalidades que são tradicionais no Brasil, podem gerar motivação para o seu conhecimento, bem como algumas semelhanças e/ou diferenças motoras, culturais e regulamentares podem ser discutidas e novas sínteses produzidas.

Com base na habilidade (EF89EF04) através da experimentação do próprio jogo ou após assistir uma partida da modalidade, os alunos podem ser convidados a discutir e identificar os aspectos técnicos e táticos do esporte. Outra alternativa seria a de propor a identificação de semelhanças e diferenças técnicas com outras modalidades, problematizando possibilidades de transferência de habilidades. No Brasil, o futevôlei guarda semelhanças com a prática do *Sepaktakraw* e pode ser um

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, jul./dez. 2021, p. 55-75.

Recebido em: 28/12/2020

Publicado em: 01/10/2021

ponto de partida para mobilizar discussões e vivências do novo esporte. Além disso, há questões culturais que podem estar inseridas nas semelhanças e divergências referentes à experimentação do esporte em questão?

Outra possibilidade seria experimentar os principais fundamentos do *Sepaktakraw* em forma de circuito de movimentos, onde em cada estação os alunos executarão um fundamento específico. Após todos passarem pelas estações o professor pode problematizar as dificuldades dos alunos ao realizar os movimentos, investigar junto com os alunos o que pode dar maior potência aos ataques. Uma outra proposta parte de uma metodologia global, da própria dinâmica do jogo. Os estudantes, após algumas aulas experimentando os fundamentos mais básicos e aproximações com o esporte, podem ser convidados a assistir alguns trechos de vídeos da modalidade e, incentivados a reproduzi-los durante o jogo. Os dois percursos podem ser utilizados e pode ser proposta uma discussão sobre em qual deles foi mais fácil ou mais interessante aprender.

De acordo com Oliveira (2020), há uma grande disponibilidade de dispositivos eletrônicos em meio aos estudantes dos oitavos e nonos anos. Os aparelhos celulares podem ser utilizados para gravar pequenos vídeos com as movimentações realizadas pelos próprios estudantes, gerando matéria prima para discussões sobre questões motoras, que podem adentrar pelo âmbito cultural, social, etc. A publicização destes achados pode ser incentivada nas redes sociais, sempre no sentido de explorar o debate e a (des) construção dessa modalidade. Além disso, outras questões podem ser alcançadas, como por exemplo, qual o capital social que pode ser despertado com publicações desta natureza? Por que as discussões escolares estão menos presentes nas redes sociais do que aquelas de natureza pessoal? Para Oliveira (2020) um dos propósitos das redes sociais virtuais é o aumento do capital social e, uma vez que as publicações não atendem aos interesses da indústria cultural, elas não são incentivadas com “curtidas” ou compartilhamentos.

Como uma atividade extraclasse, baseados na habilidade (EF89EF06) propõe-se uma pesquisa de campo onde os alunos, organizados em grupos menores, possam praticar o *Sepaktakraw* em alguma quadra ou área livre de sua comunidade e que também apresentem o jogo para seus amigos. Como atividade final propõe-se que os estudantes apresentem uma pequena filmagem da atividade e um texto contendo um



relato dessa experiência, podendo ser incluído um pequeno debate sobre as condições e possibilidades desses espaços para a prática do *Sepaktakraw*. Na confecção do relato, os estudantes podem incluir nuances sobre estes espaços como segurança, área livre, disponibilidade de banheiros ou água etc., além de meios possíveis para contornar problemas que possam ter sido identificados.

A respeito da avaliação da aprendizagem do *Sepaktakraw*, Antunes Júnior e Almeida Júnior (2020), mencionam que é importante pensarmos em modelos avaliativos na EF, que respeitem as especificidades do objeto avaliado e dialoguem com a forma escolar. Nesse sentido, compreende-se que a apresentação dos relatos, como uma síntese reflexiva das aprendizagens relacionadas a essa modalidade pode ser um dos instrumentos viáveis para este fim. Além disso, podem ser desenvolvidas fichas de avaliação, com aspectos das habilidades motoras necessárias para a prática do jogo ou filmagens produzidas pelos alunos, discutidas em pequenos grupos com análise das técnicas e táticas que compõem o esporte.

O olhar atento sobre os diversos aspectos que compõem a aprendizagem: motor, cognitivo e afetivo, podem resultar em ganhos significativos para o percurso formativo. Assim

[...] entendemos que a EFE deve tratar o esporte não apenas em sua dimensão prática e restrita dentro da própria escola, é necessário pensar o esporte em outros aspectos que transcendem os muros da mesma e mude a visão dos estudantes, assim como a de toda comunidade escolar, sobre o fenômeno esportivo (DUTRA, 2020, p. 35).

Considerando-se as problemáticas apontadas por Kurniawan e Firdaus (2019) para a não inserção do *Sepaktakraw* nas aulas regulares de EF, como a falta de espaços e materiais ou a ausência de orientações didático-metodológicas para os professores das escolas básicas, compreende-se que a discussão acerca dos processos didático-metodológicos suscitada anteriormente possa lançar luz à algumas possibilidades no campo do seu ensino e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

A BNCC, por sua organização, nos leva a vislumbrar uma ampla gama de elementos no que diz respeito à cultura corporal de movimento: os jogos, as danças, as lutas, as ginásticas, os esportes, as práticas corporais de aventura. A respeito dos

esportes, esse documento convida a extrapolarmos a prática docente que se pauta no ensino das quatro modalidades de quadra comumente presentes nas aulas de EFE: o vôlei, o basquetebol, o handebol e o futsal. Nesse sentido, este estudo debruçou-se sobre o *Sepaktakraw*, uma modalidade esportiva não pertencente à tradição brasileira, por isso, aqui denominado de esporte não tradicional, edificando esforços no sentido de compor diálogo entre o documento orientador da Educação /EF nacional e essa modalidade.

O *Sepaktakraw* mostrou-se elemento viável para as aulas de Educação Física no ensino fundamental, sobretudo ao flexibilizarmos seus códigos e sua estética, permitindo experimentação e fruição mesmo nos espaços escolares onde não há quadras ou locais específicos para o jogo. As possibilidades de tratativas a respeito da cultura em que a modalidade está inserida também é motivo de abordagem e alinha-se com a BNCC, além das questões afeitas à dinâmica do jogo propriamente dito, compondo uma valiosa prática corporal e que vem somar-se ao leque de elementos já apontados pela Base.

Consideradas as limitações materiais e físicas apontadas como limitadoras das práticas não tradicionais (TOMITA, CANAN, 2019), encontramos no *Sepaktakraw*, realidades muito próximas ou idênticas das modalidades tradicionais: espaços e materiais que podem ser adaptados, tornando essa modalidade viável no contexto brasileiro. Conclui-se, portanto, que o *Sepaktakraw* é um conteúdo de valor para as aulas de EFE, rompendo a hegemonia do “quarteto fantástico”, ampliando o repertório motor e os conhecimentos sociais, culturais e históricos dos alunos em diálogo com a BNCC.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. W. **O ensaio como forma. Sociologia.** São Paulo: Ática, 1994.

ANTUNES JÚNIOR, R. A.; ALMEIDA JUNIOR, A. S. O avaliar na educação física escolar. **Revista Motricidades**, v. 4, n. 2, p. 180-189, maio-ago. 2020. Disponível em: <http://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463.2020.v4.n22.p180-189>. Acesso em 19 dez. 2020.

ARAUJO, S. N. de.; ROCHA, L. O.; BOSSLE, F. Sobre a monocultura esportiva no ensino da educação Física na escola. **Revista Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, n. 4, out./dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v21i4.50175>. Acesso em 03 mai. 2021.



BARROSO, A. L. R. Voleibol escolar: uma proposta de ensino nas três dimensões dos conteúdos. 2008. 226f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96104/barroso_alr_me_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 02 mai. 2021.

BARROSO, A. L. R.; DARIDO, S. C. Compreensão e avaliação de um modelo de classificação do esporte na educação física escolar. **Revista Conexões**, v. 17, p. 01-21, 2019. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8654139/21026>. Acesso em: 02 mai. 2021.

BOHRER, E. S. B.; ANTUNES, F. R.; CASAROTTO, V. J. O ensino da educação física escolar na visão de quem aprende: entre a realidade e o desejo. **Seminário internacional de educação no Mercosul**. 17 a 19 jun. 2015. Cruz Alta, RS. Disponível em: <https://home.unicruz.edu.br/mercosul/pagina/anais/2015/1%20-%20ARTIGOS/O%20ENSINO%20DA%20EDUCACAO%20FISICA%20ESCOLAR%20NA%20VISA0%20DE%20QUEM%20APRENDE%20ENTRE%20A%20REALIDADE%20E%20O%20DESEJO.PDF>. Acesso em 15 dez. 2020

BRANDT, L.V.; LEU, A.F.; GAMA, M. E. R. As aulas de educação física sob a ótica dos alunos dos anos iniciais. **11º Congresso Argentino y 6º Latinoamericano de Educación Física y Ciencias**. ISSN 1853-7316. Buenos Aires, 28 set. a 02 out. 2015. Disponível em: http://www.memoria.fahce.unlp.edu.ar/trab_eventos/ev.7224/ev.7224.pdf. Acesso em 15 dez. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular: Educação física / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/02/bncc-20dez-site.pdf>. Acesso em: 25 out. 2020.

BRUSADIN, L. B. A cultura e a tradição no imaginário social: ação simbólica no patrimônio e no turismo. **Revista Turismo y Desarrollo local**. Vol 7, Nº 17 (diciembre/dezembro 2014). Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/4289/6/ARTIGO_CulturaTradi%C3%A7%C3%A3oImagin%C3%A1rio.pdf. Acesso em 03 mai. 2021.

DARIDO, S.C.; GONZÁLEZ, F. J.; GINCIENE, G. O afastamento e a indisciplina nas aulas de educação física escolar. **Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF**. Presidente Prudente. 2018. Disponível em: https://edutec.unesp.br/moodle/pluginfile.php/138453/mod_resource/content/1/index.html. Acesso em: 27 dez. 2020.

DARWIS, Z. *et al.* Model Teaching Style and Motor ability on Sport Science Student Achievement Learning Outcome Sepak Takraw. **Proceedings of the International Conference on Industrial Engineering and Operations Management**. Toronto, Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, jul./dez. 2021, p. 55-75.
Recebido em: 28/12/2020
Publicado em: 01/10/2021

Canada, October 23-25, 2019. Disponível em: <http://ieomsociety.org/toronto2019/papers/493.pdf>. Acesso em 25 out. 2020.

DUTRA, E.J. Estudos sobre o esporte: proposição de uma unidade didática para alunos do ensino médio. **Dissertação (mestrado)** – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, fisioterapia e Terapia Ocupacional. [manuscrito] / Ernesto José Dutra – 2020. 121 f., enc.: il. Disponível em: <https://bityli.com/s2qP3>. Acesso em: 23 dez. 2020.

FERREIRA, A. B. H. **Miniaurélio**: o minicionário da língua portuguesa. 7ª ed. Curitiba : Ed. Positivo : 2008.

FERREIRA, J. S. et. al. Análise sociológica do ensino do esporte na educação física escolar. **Revista Temas em Educação Física Escolar**. Vol. 4, No 1 (2019). Disponível em: <http://cp2.g12.br/ojs/index.php/temasemedfísicaescolar/article/view/1469>. Acesso em: 12 out. 2020.

KURNIAWAN, W. P.; FIRDAUS, M. Development of Model for Introducing Basic *Sepaktakraw* Techniques for Advanced-Grade Primary School Students. *Advances in Social Science, Education and Humanities Research*, volume 436. **1º Borobudur International Symposium on Humanities, Economics and Social Sciences (BIS-HESS 2019)**. Disponível em: <https://www.atlantis-press.com/proceedings/bis-hess-19/125939632>. Acesso em: 25 out. 2020.

LAW OF THE GAME. **International Sepaktakraw Federation (ISTAF)**. *Quad Sepaktakraw*, V. 1.0. (2016). Disponível em: <http://sepaktakraw.org/wp-content/uploads/2018/03/Law-of-the-Game-2016-as-per-Oct-2016-V1.0.pdf>. Acesso em: 11 out. 2020.

NEIRA, M. G.; SOUZA JUNIOR, M. A Educação Física na BNCC: procedimentos, concepções e efeitos. **Revista Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 188-206, setembro/2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2016v28n48p188>. Acesso em: 03 mai. 2021

NERAPHONG, K.; JALAYONDEJA, W.; VATCHALATHITI, R. Injuries in thai male national *sepaktakraw* team: 13th asian games. **18 International Symposium on Biomechanics in Sports (2000)**. 25 a 30 jun. 2000. Hong Kong, China. Disponível em: <https://ojs.ub.uni-konstanz.de/cpa/article/view/2401>. Acesso em: 13 out. 2020.

OLIVEIRA, F. S.; OLIVEIRA, C. M. Cultura corporal: influências das redes sociais virtuais sobre as compreensões de estudantes. **Revista Motricidades**, v. 4, n. 2, p. 142-155, maio-ago. 2020. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463.2020.v4.n2.p142-155/pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

OLIVEIRA, F. S. Tecnologias digitais na educação física: o celular enquanto instrumento de ensino e aprendizagem. [manuscrito] / Fábio Souza de Oliveira – 2020. 162f. **Dissertação (mestrado)** – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional. Disponível em:



<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/34145/1/DISSERTACAO%20VERSAO%20FINAL.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2020.

PAVIANI, J. O Ensaio como Gênero Textual. In: **V SIGET**: Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais – O Ensino em Foco. Caxias do Sul, 2009. ISSN 1808-7655. Disponível em: https://www.ucs.br/ucs/extensao/agenda/eventos/vsiget/portugues/anais/arquivos/o_ensaio_como_genero_textual.pdf. Acesso em: 13 dez. 2020.

PIRES, G.L. **Educação física e o discurso midiático**: abordagem crítico-emancipatória. Ijuí: Ed. Unijuí, 2002. 336p.

RODRIGUES, Heitor Andrade. Basquetebol na escola: construção, avaliação e aplicabilidade de um livro didático. 2009. 92f. **Dissertação** (Mestrado em Ciências da Motricidade) - Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96030/rodrigues_ha_me_rcla.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 02 mai. 2021.

SÁ, J. J.; MYSKIW, M. Transformação didático-pedagógica e o ensino de novos esportes no ensino médio: um relato de experiência. **Caderno de Educação Física**, Marechal Cândido Rondon, v. 8, n. 14, p. 85-93, 2009. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/1890/2062>. Acesso em: 22 dez. 2020.

SIQUEIRA, A. C.; NOGUEIRA, V. A.; MALDONADO, D. T. Prática pedagógica da educação física no ensino médio: a perspectiva dos estudantes do Instituto Federal de São Paulo. **Revista Corpoconsciência**, v. 23, n. 2, p. 1-12, mai./ago., 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/8008>. Acesso em: 12 dez. 2020.

SERAMAYASA, K.; SUDARMADA, N. Using Self-Recorded Video to Enhance Students' Sepak Takraw Skills. **Prosiding ICOPESH Ke-1**, Tahun 2019. ISBN 978-623-7482-42-0. Disponível em: <https://eproceeding.undiksha.ac.id/index.php/icopesh/article/view/1964/1356>. Acesso em: 25 out. 2020.

TOMITA, A. S. F.; CANAN, F. A utilização de modalidades esportivas não tradicionais em aulas de educação física escolar. **Revista Corpoconsciência**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 13-25, 2019. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/8103>. Acesso em: 25 out. 2020.

TOMITA, A. S. F.; CANAN, F. Modalidades esportivas “não tradicionais” – primeiros caminhos para uma denominação. In: **CONGRESSO REGIONAL DE PROFISSIONAIS DE EDUCAÇÃO FÍSICA**, I, 2015. Marechal Cândido Rondon, PR: UNIOESTE, p. 17. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B6i-nqv0JJdEaGFjQVRzcWtmSnM/view>. Acesso em: 25 mar. 2019.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, jul./dez. 2021, p. 55-75.

Recebido em: 28/12/2020

Publicado em: 01/10/2021

VIANA NETO, A. A.; ALVES, D. J. F.; GODOI, F. F. F. Possibilidades das tic nas aulas de educação física: conhecendo esportes diferentes da cultura do ambiente escolar. **Instituto Federal de Educacao, ciência e tecnologia de Goiás**. 8ª semana de licenciatura: o professor como protagonista do processo de mudanças no contexto social. 14 a 17 jun. 2011. Disponível em: http://w2.ifg.edu.br/jatai/semlc/seer/index.php/anais/article/view/191/pdf_25. Acesso em: 13 out. 2020.

WAN MANSOR, Wan Muhammad Nasrullah. (2011) 3D Sepak Takraw Game. **Universiti Teknologi PETRONAS**. Disponível em: <http://103.5.180.210/rep/Record/my-utp-utpedia.10323/Details>. Acesso em: 25 out. 2020.

